

LEFEBVRE E O RIO DAS REPRESENTAÇÕES

Pedro Ivo Hübner Fajardo
Mestrando em Geografia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
emaildopapi@gmail.com

RESUMO

O Espaço é discutido incessantemente na Geografia, se encontra no cerne da ciência e é considerado por muitos autores como o objeto de estudo geográfico. O conceito, juntamente com a própria geografia evoluiu bastante ao longo do tempo e alguns autores foram preferidos para mostrar essa evolução. A paisagem, assim como o espaço, é antes de tudo uma representação. Esse conceito vai exprimir e representar aquilo que o observador deseja. A Paisagem estará sempre ligada ao cultural de determinada sociedade e sua política. O conceito vai esconder mais que mostrar para exatamente servir aos interesses daqueles que possuem o poder de dominação, seja ele político ou cultural. Lefebvre vai, em suas famosas tríades, separar o espaço em percebido, concebido e vivido. Usando o autor como uma lente vamos enxergar esses espaços dentro do Rio de Janeiro olímpico

Palavras-chave: Rio de Janeiro, Espaço, Conceito, Modificação, Olimpíadas

ABSTRACT

Space is discussed endlessly in Geography, it is at the heart of science and is considered by many authors as the geographical object of study. The concept, alongside the very geography, has evolved considerably over time and some authors have been chosen to show this evolution. Landscape is above all a representation. This concept will state and represent what the viewer wishes. It will always be connected to the society's culture and politics. The concept will hide more than showing, serving the interest of those with domination power, whether political or cultural. Lefebvre will, in his famous triads, separate space perceived, conceived and lived. Using the author as a lens we see these spaces within the Olympic Rio January

Keywords: Rio de Janeiro, Space, Concept, Modifications, Olympics

Introdução

Esse artigo tem como objetivo discutir a paisagem da cidade do Rio de Janeiro como imagem, isto é, em sua essência, representação. Tomando como base a teoria produzida por Henri Lefebvre em que a partir do reconhecimento de que o espaço social contém múltiplas representações específicas derivadas da tríade do espaço percebido, concebido e vivido apresenta-se como questão central: qual papel tem as paisagens para a imagem da cidade do Rio de Janeiro?

Para o desenvolvimento desta reflexão pretende-se apresentar a relação conceitual entre a obra de Lefebvre a geografia cultural, sobretudo no que concerne os conceitos de paisagem e lugar. A partir disso, segue-se a reflexão sobre a mudança da paisagem da cidade do Rio de Janeiro através de políticas públicas sobre o espaço urbano em sua relação com o percebido, concebido e vivido.

1 - Lefebvre e a Geografia

Serpa (2014), ao analisar o pensamento de Lefebvre, destaca que sua versão da dialética é, na verdade triádica, baseada em Hegel¹, Marx e Nietzsche. Serpa (2014) destaca também a presença da fenomenologia francesa, através dos autores Maurice Merleau-Ponty² e Gaston Bachelard.

Desta forma, Lefebvre preenche a lacuna deixada pelo materialismo histórico dialético que reduz a importância de qualquer valor não-capitalista. No seu livro “A produção do Espaço” (2000) autor diferencia três níveis de espaço: percebido, concebido e vivido, referindo-se, respectivamente, a “prática espacial”, “representações do espaço” e “espaços de representação”.

A prática espacial de Lefebvre é constituída sob forte influência de Marx e amplamente trabalhada por Milton Santos (1997) em “A Natureza do Espaço e Correa em “A rede Urbana” (1994), Harvey “A produção capitalista do Espaço” (2005), entre outros. Corresponde a materialidade do espaço e a interação social, política e econômica que nele ocorre.

A representação do espaço refere-se a imagem do espaço que também é responsável por defini-lo. Aqui, Lefebvre, influenciado por Hegel, apresenta a possibilidade de uma linguagem para o espaço.

Harvey (1992) afirma que o modo pelo qual representamos o espaço possui profundas implicações na maneira como agimos em relação a ele. O espaço geográfico possui uma dimensão fenomenológica através do sujeito, a

¹ A fenomenologia, já esboçada por Kant e Hegel, foi inaugurada por Husserl que realiza uma fenomenologia a partir da intuição pura, capaz de identificar a essência das coisas. Desta forma, a experiência é o objeto principal da investigação filosófica, sendo a linguagem o reflexo dessas experiências. Assim, a fenomenologia não separa o sujeito do objeto e parte da premissa de que é necessário a mente humana para entender o fenômeno (UNWIN, 1995).

² Maurice Merleau-Ponty trabalhou a realidade pautada no ser e se interessou pela condição humana através da influência marxista e junto com Sartre e Heidegger desenvolveu o existencialismo (UNWIN, 1995).

realidade espacial e suas representações. Sendo assim, a paisagem torna-se imagem das experiências vividas e percebidas do espaço.

Podemos pensar na paisagem marca e matriz de Berque (1998), podemos ainda nos remeter a semiótica³ da paisagem introduzida por James Duncan que aplicou a teoria literária ao estudo geográfico, entendendo a paisagem como um objeto fluido, moldado por idéias do observador, posição social, bem como pelas circunstâncias da leitura. Desta forma, “texts are not innocent [...] they are not transparent windows through which reality may be unproblematically viewed”⁴ (DUNCAN & DUNCAN, 1988, p.118).

Nesse sentido, a partir de Lefebvre entendemos a paisagem como representação do espaço, sobretudo a partir da perspectiva da nova geografia cultural. Desta forma, os trabalhos de Cosgrove são uma referência fundamental, sobretudo, as obras *Social Formation and Symbolic Landscape* (1984) e *Iconography of Landscape* (1988). Uma de suas principais contribuições para o conceito de paisagem foi difundir a ideia de ela é representação. Assim, para o autor, a paisagem “not merely the world we see [...] but a construction, a composition of that world”⁵ (COSGROVE, 1984, p.13).

A paisagem:

may be represented in a variety of materials and on many surfaces – in paint on canvas, in writing on paper, in earth, stone,

³ Destacam-se como principais autores nos estudos semiológicos Ferdinand Saussure e Charles Sanders Pierce. O primeiro é considerado autor de grande importância no âmbito da descrição lingüística, enquanto que o segundo ressaltou o caráter dinâmico das linguagens (sejam elas imagem, gesto, teatro, cinema), apontando para uma teoria da semiose. De acordo com Eco (1932) a semiologia é “a ciência que estuda todos os fenômenos da cultura como se fossem sistema de signos”.

⁴ “os textos não são inocentes [...] eles não são janelas transparentes através das quais a realidade pode ser vista sem problemas” (Tradução livre do autor).

⁵ “não apenas o mundo que vemos [...] mas uma construção, uma composição desse mundo” (tradução livre do autor).

water and vegetation. A landscape park is more palpable but no more real, nor less imaginary, than a landscape painting or poem⁶ (COSGROVE, DANIELS, 1988, p.1).

Cosgrove vai além dos aspectos materiais estudados pela geografia tradicional de Vidal de la Blache e Carl Sauer e busca compreender os significados contidos na paisagem, uma vez que “every culture weaves its world out of image and symbol⁷” (COSGROVE, DANIELS, 1988, p.8).

A dimensão subjetiva da paisagem também se manifesta ao considerarmos que ela só existe enquanto é percebida. É de fato, aparência e representação criadas pelo observador. Depende, portanto, do ponto de vista e do enquadramento escolhidos pelo observador (CLAVAL, 2004). Isto por sua vez nos leva a refletir sobre a ausência na presença indicada por Lefebvre (1983). A totalidade buscada pela filosofia é encarada também como possibilidade para o autor, introduzindo, portanto, a noção de construção social em sua obra.

Ao pensar a cidade, essa ideia de Lefebvre nos permite trabalhar as visibilidades e invisibilidades da paisagem. O que é diferente é segregado é deixado de lado, deixa de ser imagem da cidade. Lefebvre também nos lembra que o direito à diferença só pode ser conquistado através da ação, através da luta. Existem portanto espaços de luta e por quê não que deve existir o direito à paisagem?

A paisagem é um modo de presença que intermedia o contato direto entre o homem e a realidade. A paisagem aparece no ato de ser-no-mundo enquanto imagem é portanto um fenômeno que se dá nas relações entre a imagem a forma

⁶ “pode ser representada numa variedade de materiais e em muitas superfícies - em pintura sobre tela, por escrito, em papel, em terra, pedras, água e vegetação. Um parque de paisagem é mais palpável, mas não mais real, nem menos imaginário, do que uma pintura de paisagem ou um poema.” (Tradução livre do autor).

⁷ “cada cultura tece o seu mundo de imagem e símbolo.” (Tradução livre do autor).

e entre a imagem e a experiência fundada em espacialidades e territorialidades. Assim, a materialidade do espaço, cria uma paisagem-imagem.

Por fim, os espaços de representação para Lefebvre abordam a dimensão simbólica do espaço, o ato criativo e poético trazido por Nietzsche. É aqui também o espaço da arte. Sua concepção também pode ser interpretada pela geografia através dos diferentes tipos de símbolos presentes no espaço, possuindo uma estrutura funcional ou não utilitária, tais como: símbolos rejeitados, símbolos impostos, de status, remissivos, símbolos religiosos, históricos, entre outros, estão presentes na paisagem citadina e podem ser interpretados pela geografia na busca pelo entendimento da dinâmica sócio-espacial da cidade, bem como, na compreensão de uma narrativa sobre a cidade, a fim de relacionar os espaços de representação com a representação do espaço.

Tratando tanto de símbolos materiais como os não-materiais, isto é, música, comida típica, vestimenta, dança, entre outros, pode-se chegar ao sentido de lugar e da identidade de um grupo. Conceitos abordados pela geografia cultural e humanística.

O lugar é definido por Tuan (1983) como o lar em diversas escalas, construído no dia-a-dia. É, na verdade, o espaço que se transformou em lugar à medida que adquiriu definição e significado, resultante das experiências vividas. Desta forma, Tuan (1983) ao estudar a ligação emocional aos espaços; relaciona a subjetividade de indivíduos e de grupos, propondo uma identidade nas diversas escalas espaciais, pois desde sua casa até a pátria há diversos lugares.

Uma dessas escalas destacadas por Tuan (1980) é a cidade. O autor defende que a “cidade é um lugar, um centro de significados por excelência. Possui muitos símbolos visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo. Desta forma, as paisagens de uma dada cidade, considerando-as carregadas de

esquemas, signos e símbolos, são capazes de formar ideias sobre a cidade e justificar ações nela. As paisagens contribuem para a imagem da cidade.

O símbolo representa a identidade da coletividade, personificando características do lugar em que ele se encontra e da população também, criando uma espécie de afeto. Os símbolos estão presentes na paisagem urbana que se constitui de uma relação subjetiva entre o habitante e o espaço geográfico. O símbolo é entendido por Tuan (1983, p.166) como “um repositório de significados” que emergem das experiências mais profundas acumuladas através do tempo

A representação do espaço pode até ser hegemônica, mas não é total, outras interpretações, outros códigos do espaço persistem. Nos espaços de representação vão aflorar essas outras interpretações. São lugares de uma outra apropriação simbólica de códigos e não só hegemônicos.

Para Lefebvre a noção de espaço caminha ainda em tríades possíveis de diálogo com a dimensão temporal: Espaço absoluto, espaço abstrato e espaço diferencial. Os três são mentais, sociais e materiais ao mesmo tempo com diferentes intensidades. Espaço absoluto, pertence ao passado é o lugar natural, mediante a qual é transformado pelas forças políticas que ocupam esse espaço; o espaço abstrato ao presente, espaço transformado pelo capital; o espaço diferencial é um projeto revolucionário do futuro dado as contradições existentes no espaço. Entretanto todos coexistem em várias épocas. O espaço abstrato se assenta sem eliminar por completo o espaço absoluto, e, ao mesmo tempo, através de suas contradições abre brechas para o espaço diferencial.

As tríades são construídas com o objetivo de analisar as diferentes dimensões do espaço. Cada tríade funciona como uma “lupa” que nos permitiria desvendar melhor cada dimensão analítica. Portanto, a tríade do percebido-concebido-vivido focaria a dimensão da percepção, através do corpo,

corporeidade, do ser-no-mundo; a tríade práticas espaciais-Representações do espaço-espacos das representações tem como o foco o espaço, a espacialidade, os signos e a linguagem e a tríade espaço absoluto-Espaço abstrato-Espaço diferencial focaria o tempo, a temporalidade em todas as suas contradições.

A cidade deveria ser percebida como uma relação superadora dessas tríades lefebvrianas em que práticas espaciais, representações do espaço e espaço de representações realizam-se simultaneamente, confundindo-se, sobrepondo-se.

2- A imagem da cidade do Rio de Janeiro sob a ótica de Lefebvre nas Olimpíadas de 2016

Segundo Lynch (1992, p.51):

Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais (...) cada imagem individual é única e possui algum conteúdo que nunca ou raramente é comunicado, mas ainda assim ela se aproxima da imagem pública que, em ambientes diferentes, é mais ou menos impositiva, mais ou menos abrangente.

O conteúdo das imagens das cidades que remetem tanto a forma física vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos que se inter-relacionam, quanto a sua representação no espaço que ocorre por meio da percepção urbana, “uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apóia, de uma

lado, no uso urbano, e, de outro, na imagem física da cidade” (FERRARA, 1998, p. 3).

Signos são textos não-verbais, marcar referenciais que assinalam, ocupam espaço na lembrança que conservamos de nossas experiências, sensações, vivências particulares ou coletivas. Portanto, o texto não-verbal transforma o próprio espaço em linguagem, qualificam as peculiaridades da cidade e, com isso, a identificam (FERRARA, 1998).

Isto, *a priori*, nos leva a retornar à geografia tradicional de La Blache e Sauer, em que se estudava uma morfologia da paisagem. Contudo, através do olhar da nova geografia cultural, é mais do que isto. Ao tomarmos a paisagem como texto não-verbal, especificamente da cidade, estamos tratando-a como Lefebvre e a superposição de suas tríades, a paisagem é antes de tudo cultura, histórica e portador de signos que se forjam nas práticas sócio-espaciais, ou seja, no uso da cidade.

A paisagem é vista. Ver é perceber a forma que se apresenta o fenômeno estético e como ele está carregado de subjetividade. Desta maneira, o termo imagem urbana não é uma acepção exclusivamente visual, mas, ao contrário; envolve a figuração urbana na dimensão significativa que o usuário a ela atribui ou na dimensão simbólica construída através de uma memória urbana presente não apenas na vida das pessoas, mas nos discursos oficiais construídos ao longo dos anos.

Quase todas as cidades possuem certos espaços que são privilegiados em relação aos outros. Assim, de acordo com Costa e Berdoulay (2008), praça, jardins, ruas, ou avenidas, concentram significações, são densos de sentidos e simbolizam a cidade, colaborando para a construção de imagens peculiares que identificam cada cidade.

Complexo de signos sejam eles formais (a forma do objeto), lingüísticos (o nome das ruas, propagandas) estéticos (fachadas, jardins, iluminação), entre outros, a cidade do Rio de Janeiro, compreendida enquanto sistema de comunicação atravessou três grandes momentos de intervenções urbanísticas que provocaram uma mudança na imagem da cidade.

O espaço público é o principal objeto presente na imagem da cidade. está intimamente ligado a um determinado projeto urbano para garantir benefícios sociais e políticos. O “público” é um lugar de trocas e de encontros e elemento chave para a democracia urbana.

O espaço público recriado procura reforçar identidades locais, engendrar novas relações entre partes desconexas (costuras urbanas) e em geral estimular dinâmicas sociais, econômicas e culturais. Também aqui os investimentos públicos procuram criar efeitos “contagiantes” sobre o entorno, estimulando o setor privado.

O primeiro momento de grande transformação do espaço público da cidade do Rio de Janeiro ocorreu na administração do prefeito Pereira Passos (1902-1908), em que diversas obras, entre elas, alargamento e construção das principais artérias da cidade, calçamento de várias ruas do centro, embelezamento de praças e jardins, canalização de rios, demolição de cortiços, construções como a Vista Chinesa, o Pavilhão do Campo de São Cristóvão, o Teatro Municipal, a Escola de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco) e a Avenida Beira-Mar transformaram os espaços e usos da cidade, transferindo a população pobre para a periferia (o subúrbio) da cidade (ABREU, 1997).

Até mesmo foi preciso modificar as “velhas usanças” que negavam ao Rio de Janeiro foros de capital e “mesmo simples habitat civilizado”. Desta forma, de acordo com Santos e Motta (2003) uma série de decretos foi assinada pelo

prefeito Pereira Passos, proibindo: cuspir na rua, vender bilhetes lotéricos, urinar fora de mictórios, o comércio ambulante, cães soltos na rua, entre outros. Assim, assumir a sua capitalidade foi também reformar os costumes, afinal, os usos na cidade deveriam ser transformados, a fim de responder à altura as mudanças espaciais advindas com a reforma urbanística.

O segundo momento refere-se ao final do século XX, sob a administração do prefeito César Maia, as intervenções no espaço público destacaram-se pelo programa Rio-Cidade que procurou revitalizar eixos principais e estruturantes de cada bairro da cidade através do redesenho das ruas e calçadas. O Rio Cidade teve a abrangência de 15 áreas na primeira fase (Rio Cidade I de 1993 a 1996) e mais 15 áreas na segunda fase (Rio Cidade II), mas foi um projeto de atuação pontual.

O Rio Cidade, ao reordenar determinados espaços delimitados dentro da cidade, arbitra, condiciona e disciplina o “ir e vir” dos indivíduos no seu cotidiano a partir do bairro. Ao levar “o centro à periferia”, através do investimento de recursos em áreas tradicionalmente secundarizadas pelo poder público, o Rio Cidade valoriza os subcentros comerciais e reformula o deslocamento da cidade.

O terceiro momento trata-se das reformas urbanas realizadas na administração de Eduardo Paes desde 2009⁸. No contexto dos megaeventos, da relação entre o local e o global, na tentativa de trazer novos investimentos para a cidade, esse momento é marcado pela Rio + 20, Copa do Mundo de Futebol de 2014 e pelas Olimpíadas de 2016.

⁸ No início de seu primeiro mandato concentrou suas atuações no Choque de Ordem, uma operação geral de combate à desordem urbana na cidade. Guardas municipais, fiscais de controle urbano, policiais militares e civis, equipes da Colurb, Detru, inibiram ambulantes informais, flanelinhas, transporte pirata, construções irregulares, população de rua, publicidade não autorizada, desrespeito no trânsito e desordem nas praias.

É neste quadro que a noção de paisagem – em sua complexa dimensão socioecológica - e o paisagismo como prática vêm surgindo nos últimos anos como fonte renovadora para o projeto urbano. A reforma urbana também se interessa pela paisagem enquanto imagem da cidade a partir de fatores como infraestrutura, ecologia e desenvolvimento urbano.

Nesse último momento, o projeto urbano, conta principalmente com a reforma portuária, o porto maravilha com a derrubada do elevado da perimetral e grandes alterações na mobilidade urbana com os BRTs e VLT na área central, bem como reforma e construção de novos equipamentos esportivos e novos parques para a cidade como o parque de Madureira. Bem como projetos como morar carioca e bairro maravilha com obras de infra-estrutura.

Mais uma vez, remoção de comunidades carentes foram motivo de conflitos pela cidade como por exemplo a Vila Autódromo, comunidade ao lado do Parque Olímpico e a Favela Vila das Torres no antigo terreno da Light onde foi construído o Parque de Madureira. A ausência na presença mais uma vez aparece na história urbana do Rio de Janeiro, o papel das políticas públicas demonstram o jogo de forças e conflitos com os agentes minoritários que gritaram “não vai ter copa”, “copa pra quem?” “vamos apagar a tocha”. É a cidade em movimento manifestada na paisagem e que questiona o direito a paisagem, quer ser incluída a essa paisagem de cidade maravilhosa. As construções teóricas de Lefebvre tratam o presente (real, atual), o passado (herança inscrita no espaço) e com o futuro (o possível, o projeto) que podem ser entendidas no evento olímpico atual.

Os espaços tornam-se especiais pelo calor simbólico, por serem desejados ou indesejáveis, bons ou ruins, para determinados grupos. Transtornos no trânsito da cidade por causa das Olimpíadas, possibilidades de ataque terroristas, rombo nas contas públicas do Estado e do Município, Baía de

Guanabara longe de ser despoluída, ciclovia que cai após 4 meses de ser inaugurada, obras que não terminaram efetivamente antes das olimpíadas. Lefebvre ajuda a entender esses fenômenos, a entender as narrativas sobre a imagem de cidade olímpica maravilhosa que é fortemente questionada por determinados grupos e pela comunidade internacional.

Ao mesmo tempo em que imagens são reforçadas e reavivam velhas representações de uma cidade cosmopolita, aberta para o mundo. Palmeiras ainda são plantadas no parque de Madureira, como símbolo da tropicalidade⁹, o Cristo Redentor continua sendo o elemento turístico e símbolo mais visitado da cidade, o logo da Olimpíadas novamente se refere a imagem do Pão-de-Açúcar. Os comerciais na TV dos patrocinadores oficiais das Olimpíadas se apropriam de signos, símbolos e valores sobre a cidade. O museu do amanhã recebe esse nome para representar o amanhã da cidade ainda mais cosmopolita e tecnocientífica.

Uma cidade, várias cidades, a identidade social é feita de afirmativas e negativas diante de certas questões e signos urbanos que compuseram um imaginário sobre o Rio de Janeiro, permitindo a visibilidade de uma cidade construída entre o mar e montanha, carregada de sentido, tanto para o habitante para o turista. O “ver” a cidade e o “viver o ver” a cidade se completaram na elaboração de uma identidade de cidade, em tempos sobrepostos, a tríade de Lefebvre é a base para uma forma de interpretação sobre o urbano onde a palavra paisagem aparece diversas vezes no plano diretor da cidade, onde a paisagem da cidade é elemento fundamental para se tornar patrimônio mundial da humanidade (na categoria de paisagem cultural) e é a expressão máxima dos espaços de luta de uma cidade para quem?

⁹ Já na carta de Pero Vaz de Caminha encontramos: “há lá muitas palmeiras”, uma vez que esse tipo de vegetal é bastante comum na Mata Atlântica.

Conclusão

O espaço não é apenas um receptáculo. O espaço é localização física e ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a própria possibilidade social de se engajar na ação. As práticas espaciais são as práticas sociais projetadas no espaço social (que pro Lefebvre é ao mesmo tempo espaço físico, social e mental). As representações do espaço no espaço concebido. A representação do espaço pode até ser hegemônica, mas não é total, outras interpretações, outros códigos do espaço persistem. Nos espaços de representação vão aflorar essas outras interpretações.

A paisagem da cidade, portanto, não foi apenas o resultado da construção mental dos indivíduos em sua relação com a natureza, mas também o produto das representações coletivas, fazendo parte de um sistema identitário que não pode ser reduzido à materialidade do mundo físico. A paisagem, pois, conforme exposto por Duncan (2004), deve ser assumida como um dos elementos centrais da cultura. “A paisagem encontra-se, algumas vezes, valorizada por si mesma - deixa de ser somente uma expressão da vida social, toma uma dimensão estética ou funda a identidade do grupo. Serve para exprimir sonhos” (CLAVAL, 1999, p.295).

Fixos, fluxos, ideias, valores, simbolismo, tudo isso foi, construído desde o período imperial, reapropriado pela primeira república e reapropriado hoje é incorporado por determinadas imagens da cidade que contam uma história da cidade e uma geografia de suas formas simbólicas.

Há muitas variações no modo de ver a cidade. Aquelas que tratam do aspecto representacional inevitavelmente dela selecionam algum aspecto ou

parte. Por essa razão, constitui-se um problema concluir um trabalho de aplicação de conceitos sobre imagem e representação, pois temos sempre a impressão de que faltou algum ponto a ser abordado. Desta forma, concordamos com Chamarelli (2000, p.108) “a polissemia da imagem dá margem às múltiplas hipóteses que vão sendo construídas, desconstruídas e reconstruídas”.

A imagem deve ser um elemento a ser interpretado pela geografia cultural, sobretudo por esta também possuir uma dimensão política, uma vez que a paisagem é produto das tensões e conflitos que se exprimem no espaço. Assim, ao refletir sobre o papel tem as paisagens para a imagem da cidade do Rio de Janeiro percebemos que ao longo da história da cidade a paisagem funcionou como ausência na presença, representou valores, ideias e possibilidades a serem almejadas pela população urbana em seus diferentes grupos, para diferentes usos. A paisagem da cidade é a imagem que também representa o direito a cidade e traz à tona a discussão sobre qual é a cidade que queremos para nós.

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDuerj, 1998, p. 84-91.

CHAMARELLI, Milton Filho. **Análise do Discurso**: semiologia icônica e semiótica. Rio de Janeiro: Fábrica de livros, senai, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. A rede urbana. São Paulo: Atica, 1994

COSGROVE, Denis & STEPHEN, Daniels (orgs.). **The Iconography of Landscape**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

COSGROVE, Denis. **Social Formation and Symbolic Landscape**. Londres: Croom Helm, 1984.

DUNCAN, James, DUNCAN, Nancy. (Re)reading the Landscape. In: **Environment and planning D: Society and Space** 6, 1988. 117-126p. Disponível em < <http://www.envplan.com/abstract.cgi?id=d060117> > acesso em 05 de novembro de 2012.

DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: Eduerj, 91-132p., 2004.

ECO, Humberto. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 1932.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Ver a Cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. **A produção capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 20005.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia. Contribución a la teoria de las representaciones**. Fondo de cultura econômica, Mexico, 1983 (ebook).

SANTOS, Ângela Moulim Penalva e MOTTA, Marly Silva da. O “bota-abaixo” revisitado: o executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). In: **Revista Rio de Janeiro**, n.10, mai./ago. 5-40p., 2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, EdUSP, 1997.

SERPA, Angelo. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. In: **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/83538>

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo, Difel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo, Difel, 1980.

UNIWIN, Tim. **El Lugar de la Geografia**. Madrid. Ediciones Cátedra, 1995.